




DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19.i1.8661275>

Artigo Original

## Merleau-Ponty e Ginástica para Todos: repensando paradigmas na Educação Física/Esporte

*Merleau-Ponty and Gymnastics for All: rethinking paradigms in Sport and Physical Education*

*Merleau-Ponty y Gimnasia para Todos: repensando paradigmas en Educación Física / Deporte*

Tamiris Lima Patricio<sup>1</sup> 

Michele Viviene Carbinatto<sup>1</sup> 

### RESUMO

**Objetivo:** A fenomenologia de Merleau-Ponty nos suscitou a refletir sobre a Ginástica para Todos (GPT) que, por sua vez, evocou o repensar alguns paradigmas da Educação Física e do Esporte. **Metodologia:** Por meio da redução fenomenológica, acessamos experiências do nosso mundo-vivido em diferentes contextos na ginástica, abordando dois eixos de análise: a) De propostas pedagógicas que congregam: repensar o corpo por “si-mesmo” para o corpo por “ser-junto” e b) Do corpo que se expressa: os eventos esportivos em questão. **Resultados e Discussão:** Constatamos que a pluralidade conceitual da GPT pode ser evidente e seus métodos de trabalho diferentes, mas rogam em uma direção que não pode perder de vista o adjetivo alocado em seu nome: “para todos”. Potencialmente, a GPT traz à tona o fazer ginástico que deve ser permitido a todos que se dispõem a participar de um grupo. **Considerações:** Tal reflexão, por si só, fomenta o fazer pedagógico e pode elevar a atuação para todo o campo da Educação Física/Esporte. Apreciamos, portanto, uma GPT que, mesmo com suas particularidades institucionais, continue sendo plural e que caminhe um pensar na corporeidade, repensando as ações e as relações, oportunizando um fazer esportivo sensível.

**Palavras-chave:** Ginástica. Filosofia. Educação Física. Pedagogia.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo – SP, Brasil.

#### Correspondência:

Tamiris Lima Patricio. Escola de Educação Física e Esporte, Av. Prof. Mello Moraes, 65 – Cidade Univeritária, São Paulo – SP, CEP 05508-030. Email: [tamirislma90@hotmail.com](mailto:tamirislma90@hotmail.com)



## ABSTRACT

**Objective:** Phenomenological approach based on Merleau-Ponty, raised reflections on Gymnastics for All (GfA), which, in turn, evoked rethinking some paradigms in Physical Education and Sport. **Methodology:** Accessing experiences of our world-lived in different contexts in gymnastics, we reflected two axes of analysis: a) the method that congregates: rethinking the body by "itself" for the body by "being-together" and b) from the event that exhibits: rethink a body that shows itself for the bodies that stage. **Results and Discussion:** We found that the conceptual plurality of GfA may be evident and its working methods different but they plead in a direction that cannot lose sight of the adjective allocated in its name: "for all". Potentially, GfA brings out the gymnastics that should be allowed to all who are willing to participate in a GfA group. **Conclusion:** This reflection, by itself, promotes the pedagogical practice and can increase performance for the entire field of Sport and Physical Education. Therefore, we are outstanding a GfA that, even with its institutional particularities, remains plural and that leads a thought in the corporeality, rethinking actions and relationships, allowing a sensitive sport practice.

**Keywords:** Gymnastics. Philosophy. Physical Education. Pedagogy.

## RESUMEN

**Objetivo:** La fenomenología de Merleau-Ponty nos impulsó a reflexionar sobre Gimnasia para todos (GPT), que, a su vez, evocó el repensar algunos paradigmas de la Educación Física y el Deporte. **Metodología:** A través de la reducción fenomenológica, accedemos a experiencias de nuestro mundo vivido en diferentes contextos en la gimnasia, abordando dos ejes de análisis: a) Desde propuestas pedagógicas que conjugan: repensar el cuerpo por "sí mismo" para el cuerpo por "estar-juntos" y b) El cuerpo que se expresa: los eventos deportivos en cuestión. **Discusión:** Encontramos que la pluralidad conceptual de la GPT puede ser evidente y sus métodos de trabajo diferentes, pero piden en una dirección que no puede perder de vista el adjetivo que se le asigna en su nombre: "para todos". Potencialmente, la GPT saca a relucir la gimnasia que debería permitirse a todos los que estén dispuestos a participar en un grupo. **Conclusión:** Esta reflexión, en sí misma, promueve la práctica pedagógica y puede incrementar el rendimiento para todo el campo de la Educación Física / Deporte. Por lo tanto, apreciamos una GPT que, incluso con sus particularidades institucionales, sigue siendo plural y que camina en el pensamiento acerca de la corporalidad, que repiensa acciones y relaciones, ofreciendo oportunidad para actividades deportivas sensibles.

**Palabras Clave:** Gimnasia. Filosofía. Educación Física. Pedagogía.

## INTRODUÇÃO

As experiências apreendidas ao longo de nossas vidas nos possibilitam compreender a nós mesmos e ao mundo. Adquirimos nesse caminho um potencial reflexivo que afeta diretamente o que nos rodeia. É durante este ato de refletir sobre as experiências que nos tornamos indivíduos autônomos e críticos, conscientes das nossas intenções e, portanto, das nossas ações (SURDI; KUNZ, 2009).

Foi no pensar e repensar nossas experiências no âmbito esportivo que nos motivamos a escrever esse ensaio. Os últimos acontecimentos explorados pela mídia na esfera da ginástica<sup>2</sup>, mais especificamente da Ginástica Artística, nos suscitaram reflexões sobre o que Bento (2007a) descreve como capital de experiência que a história de uma determinada prática corporal acumulou e que, por vezes, é paradoxal, ou seja, tem aspectos positivos e negativos. O autor salienta que o esporte e, conseqüentemente, a ginástica - também pensados como organismos vivos - são dotados de mecanismos endógenos de regeneração, isto é, o movimento de crescimento em prol de sua credibilidade deve partir dos agentes internos a eles: dos que ensinam, estudam, pesquisam, gestam, assistem e praticam (BENTO, 2007b). Nesse sentido, a qual caminho nos apegamos para tecer considerações sobre uma ginástica humanizante e humanizadora, que retome o *Homo Sportivus*<sup>3</sup>?

Nossas ponderações se fundamentam nas contribuições do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty<sup>4</sup> (2018) que, na contramão cartesiana, investe na fenomenologia para explanar que nossa capacidade em perceber e aprender é por meio da experiência sensível e não apenas por uma resposta neurofisiológica. Neste cenário, o corpo é inserido neste filosofar como fundamento de todo o conhecimento. Rompe-se com uma ciência que vê o corpo por meio de relações puramente mecânicas de "estímulo-resposta", o projetando como natureza que nos fornece a oportunidade de viver, conhecer e criar o mundo.

À vista disto, o ser humano em sua totalidade é o que a fenomenologia intitula "corporeidade". A corporeidade e o mundo são correlacionais, um está para o outro antes mesmo do pensamento elaborado (NÓBREGA, 2016). Neste diálogo, o movimento humano - a motricidade - fornece ao homem a possibilidade de

---

<sup>2</sup> Um dos casos mais emblemáticos diz respeito ao médico americano Larry Nassar, julgado e condenado por assédio sexual em janeiro de 2018 e que resultou em dois documentários divulgados por canais fechados, quais sejam: "Atleta A" (Netflix®) e "No Coração do Ouro: O Escândalo da Seleção Americana de Ginástica" (HBO®). No Brasil, somam-se ainda as acusações de abuso sexual ao treinador Fernando de Carvalho Lopes (em julgamento desde maio de 2016) e, mais atualmente, casos de racismo sofrido por Ângelo Assumpção, atleta de um clube paulista reconhecido nacionalmente, televisionado pela Rede Globo® de jornalismo em agosto de 2020.

<sup>3</sup> *Homo Sportivus*: Segundo Bento (2007) o *Homo Sportivus* é uma evolução do *Homo Gymnasticus* e *Homo Olympicus*, pois retoma os valores, princípios e ideais de transcendência como primário ao esporte.

<sup>4</sup> Sua obra *Fenomenologia da percepção* foi originalmente publicado em 1945.

desvendar as coisas, colocando o “movimentar-se” como uma forma essencial de conhecimento.

Historicamente, a ginástica promoveu um entendimento do corpo e de seus movimentos com base na retidão (SOARES, 2000). Da liberdade gestual concebida pelas inversões corporais (paradas de mãos, rolamentos e mortais), paulatinamente adveio a contenção. Obediência, controle e eficiência ditaram o seu fazer, mas também o seu processo de ensino e aprendizagem. Permitiu arbitrariedades no contexto do ginásio - aos gestores, aos treinadores e aos atletas. O ser-corpo e o ter-corpo confundiram-se, emoldurando valorações e ditames sob pressupostos modistas e permissivos ao esporte (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017; BENTO, 2013).

Logo, acolher a corporeidade nos cursos de Educação Física e Esporte é acautelar a necessidade de associarmos os sentidos, a sensibilidade e a motricidade como fundamentos para entender o corpo-próprio. É desvincular o trabalho maquinário e entender esse corpo existencial, que produz e é modificado pela história e pela cultura. Da relação do corpo com o mundo - como ele se mostra e como ele é percebido - é que surgem comunicações e expressões, pois é na experiência corporal que entendemos os fenômenos e seus significados (MERLEAU-PONTY, 2018; NÓBREGA, 2016).

A percepção do corpo-próprio, quando valorizada na formação profissional, projeta um tipo de “ser” uníssono ao outro. E é neste espaço de comunhão e de coexistência que procedemos com nossas potencialidades de aprendizagem, como nos alerta Moreira (2019, p. 28): “Já imaginaram as possibilidades de transformação na relação dos componentes de uma equipe se substituíssemos o sentido de estar com outros atletas para o sentido de ser com outros atletas?”.

Transcender conceitos sobre as relações (com os outros e com o mundo) parece ser uma das premissas do repensar o corpo na fenomenologia podendo suscitar pensares da atuação profissional em Educação Física e Esporte, como pesquisadores brasileiros vêm fazendo nas últimas décadas (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013; NÓBREGA; CAMINHA, 2019).

Ao invertermos a lógica habitual de “estar” com os outros, para uma lógica de “ser” com os outros, elucidamos um convite para vivermos inteiramente no universo esportivo. Um chamado que desperta nosso envolvimento com o corpo em relação aos outros - à equipe, ao treinador, ao espaço, à torcida, à plateia. Perde-se assim, a preocupação exclusiva com o corpo atlético individual, único e isolado. Não à toa, olha-se para o atleta/praticante com respeito ao que ele sente e percebe: quais são as suas experiências e suas relações? Como são suas percepções?

Em defesa do esporte perante os seus desvios (BENTO, 2007a; 2007b), há de se re-conceitualizar termos, dentre os quais o de corpo - como bem elencado pela

fenomenologia. Mas, como elucidar de forma mais clara e direta essas construções filosóficas na Educação Física e Esporte? Como exemplificar no contexto motriz experiências e saberes que superem o embate “corpo-máquina”? Tiveram nossas experiências corporais influências significativas para, atualmente, transcendermos tal embate e reconhecermos o outro no nosso contexto esportivo?

## **ATITUDE FENOMENOLÓGICA**

A fenomenologia “é uma filosofia para a qual o mundo já está ali antes da reflexão” (MERLEAU-PONTY, 2018 p. 1), isso significa que o movimento fenomenológico busca uma descrição direta do que experimentamos - do espaço, do tempo, do mundo vivido - antes de um pensamento elaborado. De tal forma, essa filosofia só se torna acessível em consonância a um método fenomenológico que atenda ao rigor científico, enaltecendo, na mesma medida, nossas experiências, sem as quais a própria ciência não poderia se constituir.

A clássica obra “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty (2018), principal base teórica deste ensaio, nos ajuda a compreender nossas experiências no mundo, ensinando-nos a colocar em suspenso nossa atitude natural - que usualmente é nosso modo de ser no mundo - para despertar as percepções acerca dos fenômenos. Somos seres em relação ao mundo e uma das únicas maneiras que possuímos para perceber tais relações, é pela suspensão deste movimento, colocando-nos “fora de jogo”.

A redução fenomenológica consiste em uma admiração perante o mundo vivido, momento que despertamos essa atitude natural e, também, o senso comum que passam, por vezes, despercebidos. Um movimento que “toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 10), rompendo, portanto, nossa familiaridade com ele. Este ato de suspensão não é negar o que a nós é comum, por outro lado, é afastar-se para “ver brotar”, tomando consciência do fenômeno.

Na adequação à redução, incorporamos a atitude fenomenológica no sentido de admirar o que comumente olhamos, focando na multiplicidade de manifestações que o fenômeno é dado. Ao aderirmos tal posição, iniciamos um trabalho de colocar “entre colchetes” o mundo e as coisas, “se é um objeto percebido, nós o examinamos como percebido, se é recordado, nós o examinamos como recordado” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 58). Colocar em suspensão é focar em como as coisas são nos dada e, por isso, as afirmações podem apresentar o óbvio, todavia, “mesmo se não nos dizem nada de novo, elas ainda podem ser importantes e iluminadoras, porque com frequência estamos confusos justamente sobre trivialidade e necessidade” (SOKOLOWSKI, 2014, p.66).

Como pesquisadoras, praticantes, gestoras e mediadoras de grupos de Ginástica para Todos (GPT), nos foram ofertadas uma gama de situações em diferentes espaços que resultaram num *corpus* significativo das nossas experiências sensíveis em relação a esta prática. Submersas ao meio gímnico e, por um longo tempo, ao gímnico-universitário, necessitamos “sair de cena” para adentrar na atitude fenomenológica. Foi preciso observar não somente nossos ideais e nossas incorporações, mas também, outras manifestações e vertentes. Foi inevitável observar nossos juízos que insistiam em qualificar outras propostas que não as nossas. Foi necessário, portanto, realizar um exercício de enxergar de onde incorporamos a GPT, de quando e de que forma nos encantamos e a acolhemos para nossas vidas. Nas palavras de Nóbrega:

Ao adotar a fenomenologia como referência metodológica, faz-se necessário incorporar a atitude ancorada na experiência vivida e aberta às aventuras da reflexão. O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão dos sentidos. (NÓBREGA, 2010, p. 38)

Em um processo que acreditamos não se findar, fomos dialogando e exercendo nossa relação neste mundo comum. Observando nossas atitudes naturais, para então, refletir e indagar pela atitude de filosofar. Em meio a essa perspectiva da redução, pudemos destacar nuances, subjetividades e trazer um repensar o corpo no âmbito da Educação Física e do Esporte, partindo de nossas experiências com a GPT. Desta maneira, ao longo do texto, traremos nossas vivências e percepções em diálogo com a filosofia de Merleau-Ponty, na tentativa de indagar e refletir alguns paradigmas da área em questão.

## **DAS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS QUE CONGREGAM: O REPENSAR O CORPO POR “SI MESMO” PARA O CORPO POR “SER JUNTO”**

Uma das explicações sobre o conceito de Ginástica para Todos é que ela se constitui como uma prática gímnica que pode incorporar as manifestações do fazer ginástica, podendo mesclar ginástica artística, rítmica, acrobática, aeróbica, trampolim, *parkour*... com outras manifestações da cultura corporal e tem em seu produto recorrente, as apresentações coreográficas. Portanto, partimos do pressuposto de que a GPT pode ser definida por diversas maneiras (BENTO-SOARES; SCHIAVON, 2020).

A exemplo, tomando como base a teoria da Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas, Menegaldo e Bortoleto (2020) sinalizam a GPT como uma prática sociomotriz, ou seja, uma prática realizada em grupo, afirmando que a ausência de regras e códigos gestuais implicam múltiplas possibilidades de combinação

entre os elementos que compõe a prática, a saber: diferentes espaços, diferentes implementos (materiais) e distintos perfis de praticantes.

Uma das características frequentes é a essência na participação, que é fortemente evidenciada nos âmbitos educacionais, como universidades e escolas, como uma alternativa aos ambientes de práticas exclusivamente competitivas. Estudiosos vêm enaltecendo a GPT em suas pesquisas como uma prática inclusiva, participativa, coletiva, educativa e formadora (MENEGALDO, 2018; CARBINATTO; BORTOLETO, 2016; PAOLIELO *et al.*, 2014; AYOUB, 2013; SOUZA, 1997).

Dessa forma, no contexto brasileiro fica evidenciado propostas pedagógicas não tradicionais, nos quais o aluno/praticante é o centro do processo. Vivências em nossa graduação em Educação Física e em projetos extensionistas (tanto como participantes, quanto como monitoras e/ou coordenadoras) elevaram o valor da GPT quando, os métodos de resolução de problemas em que todos participavam, foram evidenciados.

A nossa crença de que toda GPT assim se constituía, se tardou até que diferenças foram constatadas. Não raro, nós experienciamos situações práticas embasadas na repetição de movimentos demonstrado pelo professor, rememorando interfaces militaristas e calistênicas do fazer-ginástico tão absorto de princípios educativos mais contemporâneos, que rompem com um ensino mecanizado e verticalizado (do professor - detentor dos saberes, ao aluno). A participação em eventos da área - de cunho artístico ou capacitação e formação profissional - resultaram então, em reflexões sobre modelos pedagógicos.

Merleau-Ponty (2018) considera que o mundo não é aquilo que pensamos, mas sim, o que vivemos, estamos em comunicação constante com ele. Por isso, foi necessário observar aquilo que havíamos incorporado e duvidar da "verdade" que havíamos idealizado, "a unidade de mundo, antes de ser posta pelo conhecimento e em um ato expresso de identificação, é vivida como já feita ou já dada" (MERLEAU-PONTY, 2018, p.15). Não por menos, dúvidas inundaram nossos corpos e confundiram alguns sentidos. Tais julgamentos eram baseados na nossa incorporação de uma formação pedagógica pautada em metodologias de ensino em que o aluno é protagonista de sua aprendizagem e de um método coletivo de composição de coreografias, ou seja, um processo colaborativo de produção (CARBINATTO; REIS-FURTADO, 2019; GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017; PAOLIELLO *et al.*, 2014).

Em uma mistura de encantamento estético com criticidade ética, relutamos em ignorar a metodologia. E foi aí que a primeira ressignificação paradigmática estava posta. Acalentadas pela retomada de nossas memórias, identificamos que as nossas experiências nos trouxeram sensibilidades a um fazer gímnico que respeita as limitações corporais e amplia as nossas relações: conosco, com os outros e com o mundo. Aceita e enaltece a ginástica para um corpo que é criativo

e colaborativo por essência. Assim, a pluralidade que abrange a GPT atinge, na mesma medida, a diversidade de propostas pedagógicas, no entanto, demandam a uma direção que não perde de vista o adjetivo alocado em seu nome, “para todos”. Potencialmente, a GPT traz à tona o fazer ginástico que deve ser permitido a todos que se dispõem a participar de um grupo.

Outrossim, rolar, saltar, equilibrar, balancear, apoiar, suspender com, sem ou nos aparelhos, manipular objetos deve ter significado e ser significativo para quem realiza o movimento (COSTA *et al.*, 2020). Merleau-Ponty (2018) nos embasa quando notamos que nossos saberes gímnicos perpassaram experiências corporais de um corpo-vivido que se afastou de linhas metodológicas sobre desempenhos corporais. As intencionalidades das ações básicas das ginásticas foram envoltas às relações corpo-mundo, corpo-outro e corpo-coisas.

Tal embasamento se deve ao fato de que o filósofo contrapõe ao ideal que considera o corpo como um conjunto de partes distintas, apresentando seu pensamento que o considera a partir da experiência vivida e suas relações (NÓBREGA, 2010). No capítulo I da primeira parte da obra “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (2018) apresenta sua reflexão com a noção do “corpo-próprio”, o qual se mostra como veículo do ser no mundo, unindo-nos ao meio, empenhando-nos em nossos projetos por inteiro. Esse movimento é o que nos traz a consciência de corpo no mundo, percebendo, da mesma forma, os objetos a nossa volta: “esmagando minhas intensões perceptivas e minhas intenções práticas em objetos que finalmente me aparecem como anteriores e exteriores a elas e que, todavia, só existem para mim enquanto suscitam pensamentos e vontades em mim” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122).

Merleau-Ponty (2018) avança nas reflexões trazendo considerações acerca de um sujeito o qual teve um membro amputado. Quando este corpo se depara a um objeto de manuseio, percebe seu corpo atual diferente do corpo habitual que antes poderia ir de encontro e manipulá-lo:

Como posso perceber objetos enquanto manejáveis, embora não possa mais manejá-los? É preciso que o manejável tenha deixado de ser aquilo que manejo atualmente para tornar-se aquilo que se pode manejar, tenha deixado de ser um *manjável pra mim* e tenha-se tornado como que um *manejável em si*. Correlativamente, é preciso que meu corpo seja apreendido não apenas em uma experiência instantânea, singular, plena, mas ainda sob um aspecto de generalidade e como um ser impessoal. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 123).

Nesta passagem, o filósofo nos faz recordar das diversas vivências de exploração de materiais (gímnicos ou não), de movimentos e de espaço, que faziam parte do nosso fazer ginástica na GPT dentro da universidade. Como o sujeito amputado que precisou questionar o objeto a sua frente e sua



funcionalidade, precisávamos olhar para o que a nós era comum e procurar outras possibilidades do nosso corpo, do mundo e das coisas.

Bento (2007a) dialoga com tais questionamentos por meio de outra comparação: do corpo a um relógio. Este deve funcionar rigorosa e perfeitamente. Aquele, se trabalhar em altas rotações e cilindragem, caduca, quebra e se esgota. Mas não é produto. No corpo se finda uma vida e sua estória.

Inspiradas nessas comparações, evidenciamos questões sobrepostas ao que nosso "eu" pode viver, perceber e sentir. Nós fomos identificando um corpo detentor de memórias que vão compondo o conhecimento de nosso mundo próprio. Um acervo de movimentos e significados que dão vida a motricidade (COSTA *et al.*, 2020). Ao retomarmos nossas experiências vividas na GPT, quando desafiadas a circundar os braços segurando um material em nossas mãos, desconfiamos de nossas habilidades motoras. Lado direito e lado esquerdo pareciam duas partes desconexas e representadas por outros seres, senão nós mesmas, tamanha diferença entre eles. Mas, recordamos das variedades do fazer.

A nós foi indicado o circundar para além dos tradicionalismos gímnicos. As maçãs, os arcos, as bolas, as cordas e as fitas não pareciam ativar significações que necessitávamos. As repetições foram recorrentes, mas as maneiras diversas: com balde, com galão de água de 20 litros, com saco plástico ou com bastão. Com incorporações de pesos e medidas. Com reconhecimentos de formas e substâncias, nos deparamos com um saber ginástico não-mecanizado, mas sensível. Para o conceito de circundar os braços – como verbo intransitivo, acoplado ao rodear, cercar e andar em torno - nos foram ofertadas nuances. Receptivas às diferenças, aprender um fundamento ginástico ganhou proporções novas. É possível circundar segurando um objeto pequeno, mas também um objeto grande. É possível circundar com amplitude e, ao mesmo tempo, transitar sobre o espaço. Mas também é possível circundar do nosso jeito e parar frente ao nosso limite.

Do mesmo modo, nos foi proposto olhar para os objetos em suas múltiplas manifestações. Ir ao encontro de cada um e explorá-los em todas suas faces e possibilidades, em concordância com o que Merleau-Ponty (2018) comenta: "os objetos exteriores só me mostram um de seus lados, escondendo-me os outros, mas pelo menos posso escolher à vontade o lado que eles me mostrarão" (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 134). A cadeira que indicava o sentar, tornou-se apoio na "parada de cabeça". Enquanto a vassoura deixou de ser um utensílio de limpeza e se transformou em guitarra. Há de se lembrar ainda, da raquete de tênis que foi manipulada com os pés e os patins que foram vestidos nas mãos. Tudo em sintonia ao fazer gímnico.

Bento (2007a, p. 317) explica que a fenomenologia retira "o corpo da zona de coisificação e o eleva a artefato sociocultural para além do protocorpo natural e biológico". Dito isto, a motricidade é revista, pois passa a ser intencionada. Os

atos intencionais são expressos por este corpo que fala, se mexe, que se relaciona, direcionando-o ao mundo sem restrições, mostrando que há sempre um novo a ser descoberto e interpretado. Que somos vivos e capazes. Que não precisamos de fórmulas prontas, (re)significando aquilo que percebemos, (re)criando um mundo-vivido. Ainda, nas palavras de Merleau-Ponty (2018): "[...] quer se trate do corpo de outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo senão vivendo-o, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele" (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 269).

Corpos-ginastas que atendem às demandas tradicionais da cultura e da história das modalidades devem ser revistas nas premissas da corporeidade. O fazer mecânico, reprodutivista e disciplinado passou a ser revisto em nossas funções. Passamos a defender nossa condição existencial baseada na dialética corpo-mundo-outro, compreendendo que o corpo em movimento deve produzir sentido e responder ao que nos falta, provocar a curiosidade de saber (MERLEAU-PONTY, 2018). Não obstante, ao rever esse corpo-máquina, para o corpo íntegro e relacional, passamos a abranger e valorar o outro no contexto educativo.

Foram intensas as composições coletivas nos encontros de GPT que vivemos. O fazer coreográfico de responsabilidade de todos foi suscitado (CARBINATTO; REIS-FURTADO, 2019; GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017; PAOLIELLO *et al.*, 2014). Consideraram o engajamento do corpo e estimularam o "encontrar ginástico" no processo de criação e, neste sentido, a criação de novos espaços, novas possibilidades, novas partilhas e fundamentalmente: a troca de experiências corporais (LACINCE; NÓBREGA, 2010).

No contexto da dança – que muito se aproxima à GPT-, Porpino (2018), também embasada pela fenomenologia Merleau-Pontyiana, exemplifica a sensibilidade da troca, da criação e do espaço por meio de suas experiências vividas:

Quando eu danço, prolongo o espaço ao mover-me com o meu olhar, não danço no espaço, crio o espaço ao dançar; ele não é um exterior a mim. Atravesso-o e sou atravessada por ele, assim como eu sou atravessada pelo olhar do outro, que se move comigo. Assim, quando danço, vejo minha dança sem vê-la, ao mesmo tempo em que vejo o outro dançar comigo. Vejo a mim mesma nessa reciprocidade entre meu movimento e o modo como meu parceiro se move. Ao olhar o espaço, crio com ele um jeito de dançar, ele me interpela e me dá pistas de como pode ser percorrido, ocupado, cheirado, olhado, mas sou eu mesma que encontro nele essas possibilidades, que sem ele não seriam. Suas reentrâncias me permitem um movimento intenso, sua amplitude me faz descobrir uma sinuosidade sem limites (PORPINO, 2018, p. 60).

A semelhança com o que vivemos na GPT é tamanha, que facilmente poderíamos trocar o verbo "dançar" por "ginastizar". A interação com o outro abrange os corpos em suas relações, por meio da fala, do movimento e das

expressões. Exercícios de conexão, de comunicação, de conciliação de ideias e de criação tornam-se recorrentes. A troca abre para um mundo novo. Um movimento completa a intenção do outro. Um ritmo interage com a sequência de outrem. Nossas vontades se alinham em um diálogo (nem sempre fluído) corpo-outro-ginástica. Um exercício de ser com o outro. De ampliar possibilidades corporais a partir da relação provinda dessa intenção pedagógica.

As premissas de Merleau-Ponty, inclusive em suas obras subsequentes, são baseadas nesta dialética, nós somos sempre “em relação ao outro”, o que não significa que perdemos nossa singularidade, mas sim, entender que não somos sujeitos individualizados, vivemos em coexistência sem coincidir com o um outro. Assim, os movimentos ginásticos foram postos em xeque. Se um deslocamento rápido, seguido por alguns saltos acrobáticos e intenções fortes nas aterrissagens eram a ideia-central, a proposição poderia intimidar as nossas capacidades e as capacidades do grupo. Era necessária a reflexão prévia conjunta: quem consegue executar? De tal forma, que as ideias só tinham sentido perante nossos processos de transcendência esportiva e superação gímnica.

A elaboração das coreografias por meio deste processo se fazia demorada. Tempo cronológico e tempo *kairós* confrontavam-se em nós mesmas. Era um processo cuidadoso em que os agentes deveriam estar atentos às interações. Era significar cada abstração. Dar importância aos movimentos naturais e, também, aos intencionais. Apreciar as conquistas e os aprendizados. Mediar os conflitos e as discussões como um exercício de cidadania, afinal, o encontro com o corpo-outro é intenso. É cotidiano. Tentávamos transformar estes encontros em respeito e cuidado, porque entendíamos que era nessa relação que significávamos o aprendizado gímnico. Nós confiávamos em nós mesmas e no grupo. Buscávamos a ressonância entre as interações com os outros e, neste ambiente de relações, também buscamos compreender e desafiar nossas possibilidades como corpos-ginasta.

Para Merleau-Ponty (2018), quando um movimento é apreendido, significa que houve uma incorporação ao seu mundo próprio. Um saber que não se designa a um objetivo simples, mas um saber que só se entrega por um esforço que é corporal. Quando este saber corporal é conjunto, o grupo incorpora o movimento. O grupo torna-se unidade. O coletivo torna-se um corpo em movimento. Movimento este que é incorporado pelo mundo próprio de “ser grupo”.

E como transpassar tais ensinamentos à Educação Física e ao Esporte? Ora, não necessitamos repensar as relações entre todos os agentes? Não carecemos entender que com o outro aprendemos mais e melhor? Não estariam tais convicções atreladas ao “com-junto” importante dentro de uma equipe?

## DO CORPO QUE SE EXPRESSA: OS EVENTOS ESPORTIVOS EM QUESTÃO

Merleau-Ponty (2018) aprofundou questões sobre a percepção, contradizendo o empirismo “corpo-máquina” ao descrever a potência criativa do corpo próprio em relação ao nosso contato com o mundo. Ele explica que nossas formas de comunicação têm origem nas nossas experiências pré-reflexivas, trazendo a experiência da mão que toca e da mão tocada, exemplifica o modo como o corpo é integralmente essa relação com o mundo e, diferente de um objeto qualquer, é ambigualmente “sentiente” e sentido. Nesta ideia, a percepção se torna uma experiência sobre a verdade, não como algo acabado, mas como um horizonte de significações, sempre na busca por mais sentidos, de mais coisas a se descobrir.

Neste íterim, nos voltamos ao componente expressivo do corpo, enquanto movimento de comunicação e, portanto, de relação com o meio. O filósofo (2018), na primeira parte de sua obra “Fenomenologia da Percepção”, especificamente no capítulo VI “Corpo como expressão e a fala”, conceitua a linguagem e nos alerta sobre um reconhecimento de senso comum sobre a comunicação. Idealiza sua crítica ao elucidar que a palavra faz parte desse universo linguístico, mas, é pela ação corporal, antes da pronúncia, que enfim nos comunicamos. Em outras palavras, é importante identificar que uma obra expressiva – um livro, um quadro ou uma música – deve ser intencionalmente um artefato comunicativo de um corpo próprio:

A operação de expressão, quando é bem-sucedida, não deixa apenas um sumário para o leitor ou para o próprio escritor, ela faz a significação existir como uma coisa no próprio coração do texto, ela a faz viver em um organismo de palavras, ela a instala no escritor ou no leitor como um novo órgão dos sentidos, abre para nossa experiência um novo campo ou uma nova dimensão (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 248).

Nesse pensamento, podemos avançar para um entendimento que “convida a uma convivência poética com o corpo” (NÓBREGA, 2008, p. 147). Tais expressões, muitas pelo âmbito estético, seduz a uma abertura ao mundo proposto pelas experiências de corpos outros, ou seja:

Convida ao enlace com a cor, forma, sonoridade, texturas, sabores, aromas, olhares e imagens do mundo e dos outros corpos, por meio de um mergulho no sensível que nos permite perceber a profundidade do encontro e dos acontecimentos (NÓBREGA, 2008, 147).

Por essa perspectiva fenomenológica, a experiência estética é compreendida a partir da percepção de quem cria um objeto estético e, também, de quem o contempla (REIS, 2011). A experiência estética se torna uma ação perceptiva, no entanto, uma percepção que “não é julgar, é aprender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 63). A percepção

estética não objetiva uma visão utilitarista do que se mostra, mas convida o apreciador e o apresentador a senti-la.

O corpo nos revela um potencial de expressão e de criação, que sente, percebe e vive, são nessas experiências que vamos compreendendo de modo sistêmico e espontâneo, os fenômenos (NÓBREGA, 2010). Quando tratamos das variadas formas do fazer ginástica, também estamos levando em conta seu componente expressivo e, por tal, não podemos deixar de refletir sobre seus eventos. Independente do formato do evento esportivo, se de cunho competitivo ou festivo/demonstrativo (FIG, 2019; SOUZA, 1997), aqueles voltados para a GPT também abrangem o âmbito estético (PATRÍCIO; BORTOLETO; CARBINATTO 2016).

Importante destacar que não proferimos à GPT possibilidade única de elaboração de coreografias para participação em evento. Dentro do leque de possibilidades, avaliamos que o apresentar coreográfico em um festival pode elevar a condição do referido evento como plausível *lócus* de corporificação de conceitos aqui mencionados sobre uma aprendizagem significativa e sensível. E, aqui, destacamos a referência a um “mostrar performático” que se afasta de premissas capitalistas e midiáticas e adentra a poesia gestual que se fazem cenas de linguagens.

Nossas experiências na GPT nos levaram a refletir sobre o que é uma boa apresentação. Não basta que eu lance o material de forma correta. Há de se considerar o recebimento do mesmo pelo outro. Não basta que eu aterrisse com segurança e graciosidade. Há de se considerar que o outro também salvasse o momento. Não basta minha infalibilidade. Há de se considerar o resguardo alheio.

A sintonia entre os corpos neste olhar é fundamental. Exige a concentração do ser como um todo. Tal conjuntura só vem à luz porque, como seres que constroem seu mundo próprio, constituem - da mesma forma, um espetáculo costurado com suas descobertas. Como um crochê de várias linhas que integram uma colcha. Entrelaçam seus movimentos e seus mundos, suas energias e seus potenciais. Significam e tocam. A coreografia do grupo se torna a obra que será vista.

Como obra, os autores necessitam de reconhecimento e percepção do “espaço-tempo”. A cada giro, uma sensação. A cada salto, uma altura. O mundo gira de “cabeça pra baixo” e o frio na barriga se intensifica com o sorriso da criança. De toque em toque, uma acrobacia. Uma força posta. Um momento. Um gesto.

Na responsabilidade sensível ao aceitar a participação em um evento esportivo, também é colocado em cena um compromisso. Horas de treino, horas de contato, horas de respeito. Dias de interação sem limites. Um entrar no mundo-outro. O cuidado e a preocupação para que “tudo saia bem”. Nesta assinatura,

nem sempre às claras, firmamos que durante o processo prévio e durante o evento, o grupo torna-se único. Desta forma, sem ao menos uma reflexão profunda, a intimidade-outra e a intimidade-própria já está posta. Em meio ao caos e às alegrias, pactuamos o “ser-junto”.

E é por meio do estar com o outro que caminhamos para a transcendência esportiva, pois ela revê “na lonjura, na altura, na distância, na ânsia de perfeição e no mais-além” (BENTO, 2007a, p. 315) os horizontes por ora travados em métricas, números, *rankings* e avaliações. Não estaria o esporte carente dessa revisão? Por vezes impedidas por gestores. Por vezes impelidas pelo financeiro. Por vezes limitadas pela geografia. Não são nos eventos que se elevam emoções, sentimentos e a essência à efetivação esportiva?

A performance da GPT também transpassa o palco. O espaço físico, por ora demarcado, perde seus limites e a expressão reverbera no outrem. Não se exhibe o elemento por si, não se trata de executar a estrela, o rolamento ou o salto. Se trata de atribuir significado. O que essa estrela significa ou como será interpretada pelos olhares curiosos do público? Mais do que o executar, os movimentos são compartilhados como uma expressão estética do que foi elaborado pelo grupo.

Nesta experiência, a coreografia traz à luz uma reversibilidade entre homem e mundo, entre ginasta e performance, entre espectador e espetáculo, “[...] não se sabe quem toca ou quem é tocado, visto que nessa relação de “um” “com” ou “para” o “outro” estabelece-se um entrelaçado mudo que é acolhido na sensibilidade corpórea” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 109). Desta forma, compreendemos um diálogo entre ginasta e espectador, conduzindo-os a um universo em comum, em uma nova significação do “movimentar-se”, uma volta às essências do que não é possível racionalizar, mas sim sentir, viver e experienciar (LACINCE; NÓBREGA, 2010).

Tomamos a liberdade para realizar uma observação importante sobre nossa opção em utilizar outra obra do filósofo francês neste ensaio. Em um movimento de transcendência e contínuo questionamento, abrangemos alguns conceitos revistos pelo próprio filósofo no que diz respeito a experiência perceptiva. Na “Fenomenologia da Percepção”, a experiência foi empregada a fim de demonstrar como o corpo próprio é reflexivo e, por tal, a crítica ao ideal mecanicista que o vê como objeto. Em o “O Olho e o espírito”, alarga-se a possibilidade da experiência para além do ser tocado e tocante, e inclui ao vidente e o visível.

Conforme nos aponta Falabretti (2012), Merleau-Ponty (1984) compreende que a potência motora do corpo e a sua ligação com o mundo podem ser alocadas em obras expressivas – como a pintura ou, em nosso caso, a própria coreografia –, um gesto corporal que nasce do corpo, mas também, da visão. Isso significa que indicadores da visibilidade não estão no sujeito em si, mas, são dadas pelo mundo observado. Neste sentido, o filósofo avança na reflexão acerca da

percepção incluindo o que é visto, para além do que é tocado. Desta forma, ao nos referirmos aos olhares dos espectadores e ao nosso olhar como ginastas que se expressam, identificamos a sensibilidade dessa relação.

A significação da experiência estética é relacionada com as diversidades de cada evento. Diferentes espaços. Corpos outros. Emoções que contagiam ou desagradam. O espectador faz parte da performance. Da mesma forma com que o piso e as luzes compõem o fazer ginástica. Nesta continuidade, a criação artística-ginástica modifica-se a cada evento.

Logo, para a participação em um festival ginástico, é preciso viver a preparação, perceber a conexão, direcionar a intenção, acolher o encontro. Isto posto, identificamos uma solicitação: a disponibilidade. Uma entrega. Uma responsabilidade de "ser-grupo" e com o quem aprecia o entorno. A coreografia é a energia desprendida e, sendo uma constituição da motricidade desse coletivo, passa a ser única a cada apresentação.

Muda-se mais uma premissa, em que ousamos dizer paradigma. O evento passa a ser maior que seu objetivo direto. É preciso ir além do medir-se e/ou igualar-se. É preciso ultrapassar valores externos ao esporte, em que se impõe a obrigação absoluta de "progredir ou perecer" (BENTO, 2007a, p. 325).

Em nosso exercício reflexivo para com o âmbito da Educação Física/Esporte, parece-nos urgente e necessário repensar algumas ações relacionais: o árbitro merecer respeito e se tornar um pedagogo; o espectador compreender atitude e elevar empatia; os pais e/ou responsáveis assumirem responsabilidade e angariarem fundos; o treinador reconhecer humildade do conhecimento e aceitar direcionamentos dos psicólogos, analistas e médicos.

É compreender que o que se mostra/apresenta é significativo para quem faz. Porque o que se mostra é fruto processual de um grupo heterogêneo e único.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na fenomenologia, expusemos algumas reflexões sobre nossos mundos vividos na ginástica, uma vez que, nossas experiências foram fundamentais para compreender o fazer esportivo que nos levaram a ampliar o que se espera e o que se entende, por métodos de ensino contemporâneos e ressignificações do corpo daquele envolto às práticas corporais.

Nossa forma de conceber e pensar a GPT trouxeram implicações pedagógicas diretas sobre a corporeidade. Refletir sobre a Ginástica para Todos e seus eventos, permitiu obtermos consciência de nossas intencionalidades existenciais e entendermos que o mundo esportivo existe para nós, como nós existimos para

ele. E, antes mesmo de qualquer teoria, a confirmação da existência de um agir sensível - a percepção corporal (MERLEAU-PONTY, 2018), que pela motricidade, proporciona esse acesso e respeito ao mundo e aos outros (SUNDI; KUNZ, 2009).

Em meio aos espaços educacionais e formativos que abrangem a Educação Física/Esporte, temos aferido uma insuficiência no que diz respeito ao olhar sensível para o corpo e suas relações. Embebidos de um sistema midiático, que enaltece o "corpo-máquina" desvalidos de apoio público às práticas participativas (MASCARENHAS, 2016; PATRICIO, 2016), apreciamos uma GPT que, mesmo com suas particularidades institucionais, continue sendo plural e que caminhe por um pensar na corporeidade. É repensar as ações e as relações. É oportunizar um fazer esportivo sensível. É repensar o esporte como patrimônio cultural e transcender analisá-lo sob o ponto de vista utilitário, vendível e comprável (BENTO, 2007b).

Precisamos aguçar e despertar a educação sensível-corporal. Transcender a corporeidade como premissa de uma sociedade. Acolher as diferenças, as sensações e as emoções. Aprender com os sentimentos. Compreendê-los, já que fazem parte de um ser. Orientá-los perante o corpo-outro. Isto posto, seguimos nas reflexões e descrições de experiências vividas, colocando em destaque o conhecimento a partir do sensível, do outro e do mundo. Afinal, "necessitamos de o encarar; de voltar a despertar, nas crianças e jovens, o entusiasmo e a paixão por ele" (BENTO, 2007b, s/p).

Partindo da concepção que a fenomenologia é uma filosofia que nos ensina a indagar muito mais do que interpretar os fenômenos, terminamos este ensaio com algumas questões a se (re)pensar: Como transcender nas práticas ao ponto de que o movimento seja nossa ligação com o mundo? Como nossa potência motora pode ser transformada em fazer esportivo ligado à nossa visão de mundo?

## **FINANCIAMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## **NOTAS**

### **CONFLITOS DE INTERESSE**

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.



## AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto. Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Tamiris Lima Patricio* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Michele Viviane Carbinatto* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral e Educação Física Escolar*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

ALMEIDA, Felipe Quintao de; BRACHT, Valter; Ghidetti, Filipe Ferreira. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. *Educación Física y Ciencia*, v. 15, n. 2, 2013.

BENTO, Jorge Olímpio. Do "Homo Sportivus: relações entre natureza, cultura e técnica. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, v. 21, n. 4, p. 315-330. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092007000400006> . Acesso em: 26 ago. 2020.

BENTO, Jorge Olímpio. Nota Editorial: Em Defesa do Desporto. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*, Porto , v. 7, n. 2, ago. 2007.

BENTO, Jorge Olímpio. *Desporto: discurso e substância*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP, 2013. (Coleção CEAv Esporte).

BENTO-SOARES, Daniela; SCHIAVON, Laurita Marconi. Gymnastics for all: different cultures, different perspectives. *Science of Gymnastics Journal*, v. 12, n. 1, p. 5-18, 2020.

BEST, David. The Aesthetic in Sport. In: MORGAN, William John; MEIER, Klaus V. *Philosophic Inquiry in Sport*. USA: Human Kinetics Publishers, 1988.

CARBINATTO, Michele Viviene; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos: Princípios para a prática. In: SILVA, Vagner Pereira; GONÇALVES Luiza Lana; MOREIRA, Wagner Wey. *Educação Física e seus Diversos Olhares*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.

CARBINATTO, Michele Viviene; REIS FURTADO, Lorena Nabanete. Choreographic process in gymnastics... *Science of Gymnastics Journal*, v. 11, n. 3, p. 343-353, 2019.

COSTA, Andrize Ramires; RIGO, Luiz Carlos; MARQUES, Danieli Alves Pereira; ASSIS, Marília Del Ponte. A transformação didático-pedagógica da ginástica para as crianças pelo "brincar e se-movimentar". *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-16, jul./dez. 2020.

FALABRETTI, Ericson. A pintura como paradigma da percepção. *Dois pontos*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 201-226, abr. 2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. *Gymnastics for All: Regulations Manual*. 2019. Disponível em: [http://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en\\_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf](http://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf). Acesso em: 26 ago. 2020.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

LACINCE, Nelly; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 241-258, jul./set., 2010.

MASCARENHAS, Fernando. O orçamento do esporte: Aspectos da atuação estatal de FHC à Dilma. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 963-980, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/126186/122965>. Acesso em: 17 out. 2019.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso? *Conexões*, Campinas, v. 18, e020014, p. 1-17, 2020.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. *Ginástica para Todos: Por uma noção de coletividade*. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o Espírito*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MOREIRA, Wagner Wey. Merleau-Ponty na sala de aula e na beira do campo: contribuições para a área da Educação Física/Espportes. *In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (Orgs.). Merleau-Ponty e a Educação Física.* São Paulo: Liber Ars, 2019.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. *Merleau-Ponty e a Educação Física.* São Paulo: Liber Ars, 2019.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Uma Fenomenologia do Corpo.* São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Corporeidades... Inspirações Merleau-Pontianas.* Natal: IFRN, 2016.

OLIVEIRA, Maurício Santos; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; NUNOMURA, Myrian. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, v. 31, n. 3, p. 639-650, jul./set., 2017.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa Pinto. *Grupo Ginástico Unicamp 25 anos.* Campinas: UNICAMP, 2014.

PATRICIO, Tamiris Lima. *Panorama da Ginástica para Todos no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade.* 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, n. 1, p. 199-216, jan./mar. 2016.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Circularidades e aquiescência do sentir: para pensar a dança e a educação. *In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). Estesia: corpo e fenomenologia em movimento* São Paulo: LiberArs, 2018.

REIS, Alice Casa Nova. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, p. 1-110, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Notas sobre a educação no corpo. *Educar*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 16, p. 43-60. 2000.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. *Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física.* 1997. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 187-2101, abr./jun. 2009.

Recebido em: 17 set. 2020  
Aprovado em: 05 abr. 2021

---

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

---

*A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:*

